

spacemen 3

THE PERFECT PRESCRIPTION

recontado por

FERNANDO AUGUSTO LOPES



Alguns discos não necessitam de palavra alguma para defini-los. Imagine então alguém se atrever a não só defini-los, mas também criar um enredo sobre a magia que os discos possuem. Essa é a proposta da **MOJO Books**, que acredita que bons discos, boa música, podem render mais do que aqueles doces acordes que penetram na mente; podem se transformar num trabalho literário que brinque com todos os segredos escondidos nas escalas e nas letras.

Mojo working. Escritores oriundos dos mais diferentes lugares, com influências e estilos únicos, aceitaram esta árdua tarefa: escolher um disco e vertê-lo para a mais pura literatura contemporânea.

Danilo Corci
organizador

spacemen 3
THE PERFECT PRESCRIPTION
recontado por
FERNANDO LOPES

MARÇO DE 2008
VOLUME 57

MOJO
BOOKS

spacemen 3

THE PERFECT PRESCRIPTION

recontado por

FERNANDO LOPES

EDIÇÃO: **DANILO CORCI E RICARDO GIASSETTI**
DIREÇÃO DE ARTE: **DELFIN**
REVISÃO: **CAMILA KINTZEL**
CAPA DESTA EDIÇÃO: **DELFIN**

LICENÇA CREATIVE COMMONS 2.5 BRASIL



THE PERFECT PRESCRIPTION SPACEMAN 3

LANÇAMENTO: **1987**
SELO: **TAANG RECORDS**

PLAYLIST ORIGINAL DO ÁLBUM

1. Take Me To The Other Side
2. Walkin' With Jesus
3. Ode To Street Hassle
4. Ecstasy Symphony
5. Transparent Radiation (Flashback)
6. Feel So Good
7. Things'll Never Be The Same
8. Come Down Easy
9. Call The Doctor
10. Soul 1
11. That's Just Fine
12. Starship
13. Ecstasy



**"HERE COMES THE SOUND... THE SOUND
OF CONFUSION... THE SOUND OF LOVE"
"WALKIN' WHITH JESUS" - SPACEMEN 3**

Avenida Nazaré, bairro do Ipiranga, cidade de São Paulo, São Paulo. O endereço não quer dizer muita coisa para a maioria das pessoas. Se ele for especificado ainda mais, acrescentando a esquina com a rua Padre Marchetti, dirá menos ainda. Ali, naquela esquina, estava o senhor Palhares. O aposentado esperava o melhor momento para atravessar a rua e seguir para o Museu do Ipiranga. Devia cumprir rigorosamente as ordens médicas de caminhar por uma hora todos os dias. Já até se acostumara com a idéia de gastar uma hora andando, mais trinta minutos, também andando, pra ir de casa até o Museu e do Museu até sua casa.

Palhares era um senhor de sessenta anos que havia abusado um tanto da sua juventude. Sempre se lembrava de uma ótima do Néelson Rodrigues: “a juventude é uma beleza, pena que é desperdiçada com os jovens”. Quer dizer, a citação não é exatamente essa, mas o sentido está aí, com todas as letras. Com toda a ironia. Uma pena que não tivesse o vigor dos vinte anos com a experiência e o dinheiro de agora. Se tivesse pelo menos a saúde de quando garoto, já estaria de bom tamanho. Ah, aquela vitalidade! Nessa altura do campeonato o médico não permitia nem muitas aventuras sexuais, caso ele viesse a ter oportunidade. Os sessenta anos pregam peças

no cidadão, e Palhares já se conformava com isso. Na verdade, vinha se conformando desde os cinquenta.

Lembrava-se também de sua avó, décadas atrás, que vivia dizendo que só tem sessenta anos quem quer ter sessenta anos. Dizia isso e ia ver novela das seis. Ele definitivamente não queria ter sessenta anos. Mas, bolas, ele tinha! Sessenta anos bem vividos: muita cerveja, torresminho, caipirinha e lingüiça; muitas noites viradas direto pro trabalho, com ressacas homéricas; duas amantes durante os, até agora, trinta anos de casado; quilos e quilos de churrasco, hambúrgueres e outras guloseimas; sem contar o cigarro. Agora, só cachimbo, embora o médico tenha alertado sobre a potencialidade do fumo sem filtro. Pensando bem, havia encontrado o Céu na Terra e agora precisava pagar por todos os seus pecados. Não admirava a ninguém que ele estivesse com a saúde em pandarecos. Andar todos os dias, por uma hora e meia, entre casa, Museu e casa novamente, era a sua paga. Uma troca justa, ou quase — aí, dependia do humor do Palhares na análise da situação.

O sinal fechou. Dá pra atravessar. Ensaiou o primeiro passo, descendo da guia da calçada, mas foi impedido por um toque nas costas pedindo sua atenção:

— Moço, por favor...

Recolheu o pé, virou-se, lá se foi o sinal, melhor esperar o próximo.

Avenida Nazaré, Belém, Pará. O endereço é muito mais conhecido. Por lá passam milhares de fiéis — malucos, na visão de muitos — durante o Círio de Nazaré, a festa religiosa mais numerosa do país dos católicos e do sincretismo. A esquina com a Generalíssimo Deodoro é um ponto nervoso da cidade, bastante movimentado. As grandes mangueiras amenizam o calor ardente da maior metrópole do norte do Brasil. O cenário, apesar do trânsito intenso de carros, ônibus e pessoas, é agradável, bastante agradável. Belém é uma cidade pra ser descoberta. Os turistas, preguiçosos, preferem Porto Seguro, apesar do insano e desumano bombardeio em decibéis altíssimos de axé e outras ofensas musicais.

Lá estava Odopipogenobel, mais conhecido, por motivos óbvios, como Dô, um médico de exatos trinta anos. Estava de folga naquele dia e, a pé, ia visitar sua mãe que morava logo depois da Basílica. Enquanto esperava o sinal fechar, pensava em como pagar as contas, na mulher recém-desempregada, nas férias que teria de cancelar pela escassez de dígitos em sua conta bancária e no mecânico que tentara lhe passar a perna colocando no orçamento a “rebimboca da parafuseta” que não precisava ser trocada. Talvez ele não pensasse em nada disso naquele momento. Talvez estivesse olhando mesmo pra bunda da bela morena de menos de vinte anos à sua frente e pensando no que poderia fazer com ela. Com certeza, não pensava em nada do trabalho, o que lhe era estranho, porque quando resolveu ser

médico o fez pela excitação que a profissão proporcionaria. Não há nada de excitante em se banhar de sangue todos os dias e salvar anônimos que tentam se matar em acidentes de carro, dirigindo alcoolizados; que se esfaqueiam pelos bares por motivos fúteis; que trocam tiros com a polícia; que se enchem de pílulas pra dormir e misturam com uísque; que metem uma bala no próprio peito; que cortam o próprio pulso... Naquele momento em que o irritante sinal de trânsito insistia em ficar vermelho para os pedestres, ele não era nada, só estava de bobeira e mandava uma banana mental pros seus pacientes. Não ligava se eles morressem aos montes, a torneira nunca ia secar.

O doutor Dô deu o primeiro passo assim que o sinal abriu. Mas ficou só no ensaio. Logo que o primeiro músculo da perna se mexeu, sentiu uma mão alheia segurar-lhe o braço pouco abaixo das axilas. Parou de pronto. Uma voz suave dizia:

— Senhor, por favor...

Dô parou, recolheu o passo, virou-se assustado e todas as pessoas que estavam com ele trocaram de calçadas. Ouviu o ronco dos motores e percebeu que perderia aquele sinal. Teria que esperar o próximo.

Palhares derramou a primeira lágrima em muitos anos. Não se lembrava da última vez que havia chorado, ainda mais em público. Quem olhasse de

longe aquele senhor meio barrigudinho e truncado, de cabelos grisalhos, conversando com uma moça de branco, toda de branco, dos pés à cabeça, às seis da tarde, numa temperatura alta pra época do ano, talvez não compreendesse de que se tratava de uma cena rara. A moça, linda, cabelos até o meio das costas, lisos e tão negros que reluziam, formas apreciáveis, brilhava com aquela roupa. O sol se fazia de holofote pra ela. O choro de Palhares não levantava suspeita: era de felicidade.

— Como assim, um filho?

— Sim, você vai ter um filho, sua mulher irá te contar hoje à noite.

Aquele homem recebia essa notícia de uma desconhecida e custava a acreditar. Gaguejava sem saber o que perguntar e, claro, pensou se tratar de um trote de algum amigo da onça. Ela afirmou que conhecia sua esposa e chegou a descrevê-la com detalhes, inclusive de personalidade. Chegava a ser assustador a profundidade de conhecimento. Se Palhares não estivesse tão confuso, daria as costas à moça e àquela história inverossímil, mas não, continuou a ouvir a voz doce, a fala mansa, a ver o sorriso delicioso de quem parecia um anjo. A moça era cativante. Venderia uma nota de dez por uma de cem, se assim quisesse. Entretanto, Palhares não corria esse risco, ela exalava bondade por todos os poros. Ele estava encantado. Chorava de felicidade: aos sessenta anos, teria um filho, mais um. Um sopro de vida, um argumento para ele se cuidar mais e mais, andar, parar de fumar, comer melhor, voltar a pintar e amar de novo sua esposa. Palhares,

o novo homem. Estufou o peito, mas não por muito tempo: as lágrimas lhe tiravam todo o fôlego.

Quis voltar logo pra casa, abraçar a mulher, chorar com ela, mas a moça o alertou a seguir a vida normalmente, que o seu aviso era justamente para que os dois não se chocassem tanto, pro coração agüentar. Era uma providência divina, por assim dizer, uma precaução. Mais uma vez, Palhares não questionou a moça. Espantado e confuso, pensou em entrar no primeiro bar e comemorar, tomar todas, chamar os amigos, acender um charuto pra cada um e gritar pro mundo de que seria pai de novo – e aos sessenta anos! Sua felicidade dispararia pra todos os lados, como uma metralhadora aos invejosos. Antes de toda loucura, seria prudente também avisar seus dois outros filhos e seus netos, que veriam seu tio nascer, uma situação pra dar um nó na cabeça de qualquer ser pensante. Quis tudo isso, mas a nova responsabilidade falou mais alto: deveria, antes de tudo, se cuidar para prover à nova criatura uma vida descente, digna.

Tudo o que se passava na cabeça de Palhares era plenamente compreensível pra moça. Ela entendia aquela confusão de sentimentos. Não era uma notícia fácil de dar pra alguém como ele. Embora tivesse achado estranho ter de fazer isso, devia acreditar nas suas determinações. A ela

foi dada a missão de dizer a Palhares que ele seria pai. Estava acostumada a tratar com pessoas muito mais jovens, normalmente de doze a trinta e poucos anos, por isso o hábito de chamar os homens de “moço”, mesmo que naquele caso específico o “moço” tivesse sessenta anos. De qualquer forma, era um trabalho agradável, uma rotina de rostos felizes, de sorrisos, de grandes alegrias. A notícia da nova vida tomava forma em reações de grande entusiasmo, o que sempre é gratificante. O trabalho da moça tinha um único objetivo: conscientizar. E isso, com o Palhares, ela conseguira. Daria a missão como cumprida, porque sabia que ele mudaria de vida pra preservar a existência do futuro filho. Ela estava pronta pra outra e aquela missão terminada ali ficaria pra sempre no seu currículo, pra contar aos seus pares.

Quem olhasse de longe aquela cena, embaixo de uma parruda mangueira, talvez pudesse pensar que se tratava de um assalto. O médico, indignado, reagiu com um soco naquela figura esguia que ainda segurava seu braço. O golpe não chegou ao destino, travado pelo braço de extrema delicadeza, mas vigoroso, inquebrável. O doutor se assustou com a força do oponente. Não acreditava em tamanha cara-de-pau à luz do dia. Ser vítima de um assalto naquela esquina não era comum. Furto de trombadinhas, sim, mas assalto,

não. As pessoas, ao largo, passavam sem fazer nada. Ninguém notava, ou se faziam de rogados. Em cidade grande, ajuda é artigo de luxo e pré-requisito de segurança: não se metam no assalto alheio.

Só que não era assalto. O olhar profundo daquele homem alto, de quase dois metros de altura, terno preto, gravata, rosto sério, sapatos meticulosamente engraxados, perfume irrepreensível, apesar do calor, e sem uma só gota de suor no rosto, denunciando a tranqüilidade na ação, fez com que Dô não tentasse sequer gritar por ajuda, que talvez, então, viesse. O homem soltou ambos os braços do médico e, sem dizer uma palavra, se pôs a sua frente, olhando diretamente nas pupilas do confuso médico, que não tentou fugir, ao contrário do que se podia imaginar. Dô perguntou gaguejando o motivo daquilo. Se fosse assalto, que levasse sua carteira, seu relógio, mas deixasse os documentos. O homem sorriu e pediu que Dô guardasse sua carteira, documentos, relógio e se acalmasse. Não queria nada daquilo. A voz era firme, mas nada aterrorizante. Cada letra das palavras parecia fazer sentido, podiam ser ouvidas, compreendidas, como se da boca dele saíssem mesmo o alfabeto todo, o “a”, o “c”, o “x”, o “t”, as letras ganhavam forma, se desprendiam da língua e subiam ao céu como um balão de gás. O doutor acompanhava cada letra com especial atenção e não perdia nada do que era dito.

Maravilhado, ele se pegou compenetrado com o discurso do homem de terno, do alto dos seus, agora, mais de dois metros de comprimento. De fato,

o homem parecia ter crescido junto com a volúpia apaziguadora do discurso. Logo, estaria do tamanho de uma daquelas centenárias mangueiras, colhendo as mangas que um dia, por obra da gravidade e da natureza, acertariam a cabeça dos mais desavisados. Em Belém, manga não custa nada, está à disposição. Olhando pra cima, podia ver a boca dele se mexendo, as letras saindo, formando palavras, ganhando o céu, as copas das árvores ainda mais altas do que o normal dançando com o vento e sua pequenez forçando-o para baixo. Sentia-se anão com a força do verbo daquele gigante.

Durante todo o bla-bla-bla, Dô entrou nessa viagem alucinante, mas captou totalmente a mensagem: ele iria morrer. Já havia data, hora, local, forma e conseqüências determinadas pela ordem divina. O médico não se espantou quando as letras “m”, “o”, “r”, “r”, “e” e “r” ganharam o ar umedecido de Belém e formaram o intransitivo direto mais temido pelas pessoas e que ele tentava ao máximo não ser conjugado pelos familiares dos seus pacientes. Ficou calmo, ouviu, as pernas tremeram um pouco, e tudo passou a fazer sentido. Pensou em tudo e em todos: o filme de sua vida. Percebeu o quanto amava sua esposa, que ela ficaria sozinha e teria de realizar o sonho de ter um filho com outro homem. Abalou-se com a idéia de sua mãe não agüentar o choque, o que foi prontamente apreendido pelo homem, que o lembrou de que tudo estava pensado, milimetricamente, que ele não deveria pensar em sua mãe como um efeito cascata, não seria o caso. Sabendo dessa nova habilidade do seu interlocutor, Dô parou de

pensar e passou a usar um tom de conversa. Não perguntava o por quê, não queria saber quando, nem onde, nem de que forma. Agora o homem havia se transformado num confidente e num bom ouvinte. Ossos do ofício. Por incrível que pareça, as pessoas até aceitam bem a idéia de que vão morrer dali a pouco. Algumas poucas se desesperam, o que faz necessário o uso da força. Com Dô não foi preciso, ele aceitou com calma, com sobriedade, e queria, num balanço, saber se sua vida teria valido a pena. Lembrou que ele fizera muita loucura quando jovem, que havia se divertido à beça, mas chegou à conclusão de que poderia ter feito mais, poderia ter feito pior. Nenhum problema de ter sido um tremendo pecador.

E não há nada como o arrependimento. Agora que tudo estava acabado, poderia ter beijado e feito amor com mais mulheres, ganhado mais dinheiro, guardado menos, gastado mais com discos, viagens – principalmente – poderia ter feito mais as vontades de sua esposa, poderia ter amado mais seus pais, deveria ter feito mais amigos, brigado menos, se estressado menos, pulado de pára-quadras, andado de moto, mergulhado, deveria ter ido mais ao Manguirão ver o Remo jogar, estudado mais, andado menos de carro, teria bebido mais, fumado maconha, cuspidado pra cima, comido mais pizza, mais churrasco e teria vivido mais.

Estava à mercê da Morte. Ela não era como se imaginava. Era elegante, uma boa ouvinte, quase uma amiga, daquelas que muita gente passa a vida à procura sem sucesso, tinha todos os dentes e eles eram brancos

e bem cuidados. Não cheirava a enxofre, ao contrário, era bem asseada, parecia que havia acabado de sair do banho, lembrava um modelo desses de *fashion week*. A Morte encanta. A Morte encantou Dô. Entendeu dessa forma, porque a morte é uma sentença divina. Enquanto ia aceitando sua nova condição, não percebeu mais as pessoas na rua, elas estavam paradas, os ônibus estáticos, as folhas pararam de cair, o vento não soprava mais, as cores ficaram chapadas, o chão sumiu. Parecia uma viagem alucinógena - ou o que ele imaginava ser uma. Zero de dor. Essa era uma morte light, sem gordura, sem aditivos, bem apropriada a um médico. A passagem para o outro lado dissolveria uma curiosidade natural do ser humano, resolveria as grandes questões filosóficas e teológicas, pra onde vamos, quem somos, do que somos feitos, pra quê estamos aqui. Súbito, o homem de dois metros sumiu, junto com ele, as mangueiras, o calor de Belém, a esquina, os carros, a Basílica, as mangas no chão, as lojas, o céu, o vento, tudo virara nada. Ficou o agradável odor daquele que viera lhe dar a notícia final. Dô deveria estar triste por não ter se despedido de quem gostava, principalmente de sua esposa, a quem devotara um amor surpreendente pra quem admirava todas as mulheres. Era uma sensação maravilhosa de desprendimento, de ausência de dor e, principalmente, de uma paz renovadora e incompreensível aos vivos que compensava a falta de oportunidade. Tudo era novidade.

Um grande infinito de cores calmas, sem chão, sem teto, sem vento, sem calor, sem frio, sem paredes, sem móveis aparentes, sem ruas, sem árvores, sem fontes de luz, mas com uma claridade uniforme. O homem de dois metros de altura estava sentado sem esboçar mínimo de cansaço, mesmo que o dia tivesse sido puxado. Estava esperando. De terno preto alinhadíssimo, acertou a gravata. Aproveitou, deu uma olhada em seu sapato, ainda brilhando, lustrado tal e qual quando dera o primeiro passo no seu dia de trabalho. A meia preta, impecável. Sentia-se bem, embora não gostasse muito de buscar jovens. Ali, sentado, esperava alguém. Tinha todo o tempo do mundo.

Aguardava de pernas cruzadas, olhando de vez em quando um ou outro conhecido de branco ou de preto, que acenavam com um leve inclinar de tronco e cabeça, jogando-lhe um sorriso amistoso. Eram todos iguais, os de preto e os de branco, as mulheres e os homens, os altos e os baixos; só as funções eram diferentes. Diante do Chefe, não havia distinções, aqueles seres. Eram um exército de essencial importância para o equilíbrio do mundo. Por isso, sentia-se muito bem, gratificado com suas determinações, mesmo que às vezes não pudesse concordar com elas. Jamais gostou de buscar pessoas com menos de oitenta anos. Mas, com o tempo, adquiriu uma enorme capacidade de argumentação que, aliada à paz de espírito que emanava, tornava seu trabalho mais fácil, sendo bem compreendido por pessoas de qualquer idade. Não estava lá pra argumentar, deveria diminuir

o impacto das notícias, amaciar almas nem sempre dispostas a aceitar os desígnios maiores. Todo dia era um aprendizado e todo indivíduo era uma lição. Hoje, aprendera de novo e se sensibilizara com a superior aceitação de uma de suas almas. O médico lhe ensinara a gostar ainda mais da sua missão, ao se abrir com ele, ao não questionar, ao tentar entender os motivos e aceitá-los da mesma forma que ele mesmo aceitara sua missão para com o Chefe.

Os pensamentos foram interrompidos pelo seu par, que acabara de despertá-lo do transe com um estalar de dedos. Quando se viram, sorriram. Ele se levantou e inclinou-se diante dela, que imitou seu gesto e transmitiu muita paz. Apesar da clara demonstração de tranquilidade, ela convocara aquele encontro não só por saudades, já que ele era um amigo de longa data, mas porque deveria informá-lo de algo terrível que havia acontecido. Um engano. O espanto no rosto do homem de preto quase não foi sentido, embora devesse, diante da quase nula possibilidade de haver enganos naquele lugar. Mas ela reforçava a informação: um equívoco.

Mais uma vez, o rosto do homem não se modificou, embora ela soubesse que ele compreendera a gravidade daquela notícia. Contou-lhe como havia sido o seu dia, quantos pais foram avisados de diversas formas da sua nova incumbência na Terra, da responsabilidade de cuidar de seus filhos, pra que a Humanidade seguisse dando seus frutos, para a máquina da vida nunca emperrar. Sublinhou, com enorme satisfação, quantos sorrisos, quantas

alegrias, quantas almas mudariam o significado de suas existências a partir do momento da visita dela. Com regozijo, sabia que sua presença enigmática pra aquelas pessoas ficava em segundo plano. Gostava da incapacidade delas questionarem sua intromissão na intimidade do casal. Achava divertido, todos acreditavam no seu discurso. Tal prazer evidenciava a importância de sua missão. O que fazia o seu ouvinte, ali no infinito, vibrar com a mesma felicidade. Realmente, enquanto ambos estivessem realizando com eficiência o que lhes fora determinado, a Humanidade caminharia sua cruzada com doce ignorância, achando ser dona das próprias pernas e do próprio nariz. O ignorante que vive.

O exército de homens e mulheres impregnados de satisfação em lubrificar a engrenagem da vida jamais questionava suas missões. Nem poderia. Milhares de homens e mulheres como eles, por toda a infinita existência, nunca alguém teve notícia de erro. Todos os dias eles recebiam suas rotas de trabalho sem pensar no que poderia não estar certo. E, em transparência, jogavam pela Terra uma radiação que movimentava o ato de viver dos seres humanos: ou se morre, ou se nasce; entre um ato e outro, outros tantos atos idênticos; nada a se suspeitar. Até hoje. Até o dia em que houve esse equívoco.

Mesmo diante de tanta felicidade, de tanto prazer, de tanta sabedoria superior, houve um erro, uma troca de determinações, uma falha na distribuição das missões. Numa distância ínfima pro infinito, mas exaustiva pro

homem comum - três mil quilômetros - duas almas subverteram o ritmo da engrenagem, involuntariamente. Elas eram os focos de duas intervenções e acabaram vítimas. A onda começou a se propagar em escala ininterrupta: os amigos, familiares, conhecidos do trabalho, pessoas com quem eles convivem, todos foram afetados pelo erro. E os amigos, familiares, pessoas com que essas convivem acabam sendo afetadas também; e por aí em diante...

A velocidade e o tamanho do efeito não era previsível para que se pudessem breçar a devastação. Seria possível que todos os desígnios posteriores ao equívoco também fossem contaminados por uma margem de erro e novos efeitos cascata surgiriam. Era uma destruição em progressão geométrica. Eis o motivo do espanto. Eis o porquê naquele cenário infinito, belo, calmo, imaculado, reluzente, aconchegante, as duas criaturas, o homem de preto e a bela mulher de branco áureo, se preocupavam. Embora mantivessem o sorriso no rosto e a tranquilidade que foram treinados pra demonstrar, sabiam que o equilíbrio estava abalado por um erro de endereço: quem deveria morrer, teve um filho; quem deveria ter um filho, morreu. Ambos estavam numa Avenida Nazaré. Avenida de nome divino, assim como o erro cometido.



MOJO
BOOKS

www.mojobooks.com.br